

# Perversão, Hostilidade e Abuso<sup>[1]</sup>

FLÁVIO CARVALHO FERRAZ

**RESUMO:** Baseando-se nas ideias de Robert Stoller, o artigo propõe que um componente estrutural da perversão é a hostilidade contra o objeto, seja ela atuada diretamente ou de forma velada. A origem desta hostilidade está nas relações objetais precoces, em que o futuro perverso sentiu-se impedido de separar-se de sua mãe e percebeu que isso decorria de uma convocação por parte da mesma. O objeto sexual do perverso é então uma espécie de vítima, sobre a qual recai a hostilidade e a vingança imaginariamente dirigidas à mãe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perversão; Hostilidade; Abuso sexual.

Segundo o psicanalista americano Robert J. Stoller, em cujas ideias vou me basear em minha argumentação, a perversão é *o resultado de um interjogo essencial entre hostilidade e desejo sexual*. Grosso modo, esta definição aproxima a visão psicanalítica de perversão de uma noção corrente da mesma. Sem fazê-las necessariamente coincidentes, o autor demonstra que a perversão, na acepção psicanalítica, comporta elementos hostis, tal como o uso comum do termo tem por suposto. Foi por essa razão que Stoller (1975) se recusou a seguir a tendência, “politicamente correta”, que defendia a exclusão do termo *perversão* dos vocabulários psiquiátrico e psicanalítico. O argumento dos defensores

Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e livre-docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Apresentado no I Encontro Latino-Americano do Projeto CAVAS/UFMG e IV Simpósio de Pesquisa do Projeto CAVAS/UFMG; Belo Horizonte, 25 de outubro de 2013.

desta exclusão era o de que a palavra em questão trazia consigo um juízo moral, associando a ideia de perversão com a de perversidade ou maldade. Pois bem, isso foi exatamente o que Stoller quis demonstrar como procedente.

A perversão é um produto da ansiedade, sendo que o comportamento perverso molda-se a partir de remanescentes e de ruínas da história do desenvolvimento libidinal, particularmente da dinâmica familiar. Se pudéssemos, idealmente, saber tudo o que aconteceu na história do sujeito que investigamos, então encontraríamos certamente os eventos históricos que se fazem representar em detalhes no ato sexual manifesto do perverso. Poderíamos, assim, saber como e por que tal pessoa elevou suas experiências sexuais precoces – aquilo que mais prazer lhe causou – à condição de parte do cenário perverso.

Stoller foi um pesquisador e um teórico freudiano *sui generis*, que levou às últimas consequências o que Freud postulava sobre a realidade do trauma na determinação da psicopatologia e, por conseguinte, nas peculiaridades da formação do sintoma, coisa que o próprio criador da psicanálise descartou precocemente. É assim que, para Stoller (1975), a perversão é o resultado de uma determinada dinâmica familiar que, induzindo medo, força a criança imersa na situação edípica a evitá-la. O desfecho do conflito edípico não seria, portanto, a dissolução do mesmo pela via do recalçamento, mas sim a sua evitação, o que adiaria *ad infinitum* seu desfecho, mantendo-o suspenso.

Nesse sentido, Stoller (1975) leva extremamente a sério as ideias não organicistas de Freud, que atribuía à *experiência* a formação de toda e qualquer forma de sexualização. Assim, não haveria uma sexualidade *natural*, dada pelos imperativos biológicos, mas toda forma assumida pela sexualidade seria uma *construção* baseada na história das relações objetais, ou seja, seria *contingente*. Esse ponto de vista, entretanto, não impede que se encare a perversão como uma *aberração* na qual o ódio está presente na qualidade de elemento estruturante primordial. A perversão, na definição sintética do autor, é a *forma erótica do ódio*, pois aquilo que preside o ato perverso é o desejo de ferir ou danificar o outro: na prática, trata-se de uma fantasia atuada.

Coincidindo com aquilo que Freud (1905) afirmava nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Stoller (1975) observa que o modo de obtenção de prazer do perverso é rígido e invariável; mas acrescenta que tal prática é necessária

e primariamente motivada pela *hostilidade*. É sobre este ponto que ele vai insistir, recuperando, sem contudo dizê-lo, a afirmação de Freud (1905) de que, na sexualidade perversa, os componentes pré-genitais (orais e sádico-anais) constituíam o eixo central, enquanto que, na sexualidade dita “normal”, era a genitalidade que tinha a primazia.

Mas aqui cabe fazer uma distinção importante no vocabulário de Stoller (1975): *hostilidade* não coincide com *agressividade*. Enquanto a primeira é um estado no qual se deseja ferir e causar dano e dor a um objeto, a segunda não estaria impregnada de um sentido como tal, ou seja, implicaria apenas a presença de uma força ou potência que precisa ser escoada.

A hostilidade, na perversão, assume a forma de uma fantasia de vingança – escondida em ações que a dissimulam – que tem a função precípua de converter um *trauma infantil* em um *trunfo adulto*. Esta operação de conversão da cena traumática infantil (portanto, vivida passivamente) em triunfo vingativo adulto (imaginado ativamente) é responsável pela produção da excitação sexual. E, para incrementá-la, maximizando-a, há também que se montar uma cena sexual que assuma o caráter de um *ato arriscado*.

A montagem perversa reproduz a situação traumática efetivamente vivenciada na infância, que deve ser revivida e “corrigida” em ato nos detalhes da cena perversa. A perversão, assim, é a revivescência de um trauma *sexual* – e não de um outro tipo qualquer – ocorrido quer sobre a *área sexual* (anatômica), quer sobre a *identidade de gênero* (como, por exemplo, no caso da criança que é tratada como se pertencesse ao outro sexo biológico). No ato perverso, o passado é evocado inconscientemente: neste momento, o trauma é transformado em prazer, vitória e orgasmo. É como se a história fosse lembrada em ato, mas contada com um desfecho oposto ao que teve na cena traumática real, agora de modo favorável à vítima. A passividade transforma-se em atividade e a vingança se efetua sobre um objeto escolhido para representar a criança vitimada. Mas a necessidade que o perverso tem de repetir sempre (compulsivamente) e da mesma forma (repetitivamente) sua cena sexual atesta a impossibilidade de tal ato pôr o sujeito, efetivamente, a salvo do perigo. A memória do trauma é inconsciente e não cessa de manifestar-se e de exigir uma defesa.

Para Freud, a excitação sexual vivida precocemente por uma criança,

pelas mãos de um adulto, representava um trauma e contribuía para a consolidação de uma perversão. Stoller (1975) concorda com este ponto de vista, mas apenas nos casos em que tenha havido *muita estimulação e pouca descarga* ou então *um severo sentimento de culpa* como decorrência. Este tipo de experiência, sentida como traumática, é que deve ser transformada imaginariamente, por meio do *ritual perverso*, em uma aventura bem sucedida.

O ritual perverso, adequado à conjuração do trauma, é construído, através de ensaio e erro, na história de vida do sujeito. Se porventura ocorrer uma falha na construção deste ritual, então a vida sexual será marcada pela falta de interesse sexual e pela ansiedade, manifestas sob a forma de um distúrbio de potência. Uma das finalidades da estruturação de uma perversão é a manutenção da possibilidade de se obter prazer sexual.

A introdução do sentido de *risco* no ritual visa ao propósito do sujeito de lutar contra o desinteresse sexual que poderia resultar de sua história traumática. A função do risco é exatamente incrementar a excitação e manter a gratificação sexual. Mas o risco não pode ser extremo: a situação deve estar, em alguma medida, sob controle. O risco é baixo, ou melhor dizendo, o que efetivamente importa é a impressão de que se está correndo risco.

A função do risco como fator de excitação e de prazer sexuais é inerente à dinâmica da vingança. A falta de interesse sexual seria o resultado de uma ausência de risco. A excitação é o produto de uma oscilação entre a possibilidade de falhar (que é pequena) e a antecipação do triunfo (que é grande). Assim, a perversão poderia ser também descrita, em uma de suas facetas, como um complicado atalho que passa pelo perigo em direção à gratificação sexual triunfante. Lembremos que na perversão, o prazer sexual é salvo pela erotização do risco, quando há uma revivescência inconsciente do trauma, mas seu desfecho é alterado em fantasia. Assim, a perversão resulta do *estrago* da função, mas não de sua *destruição*. Alguma esperança subsiste.

O trabalho de construção da fantasia a ser encenada pelo perverso tem por corolário a *desumanização* do objeto sexual<sup>2</sup>. Este não é e nem pode ser – sob pena de colocar em risco a montagem perversa – encarado como pessoa ou alteridade. Muito embora, na prática, o objeto seja uma pessoa real com sua personalidade, o perverso nele procura vislumbrar uma criatura sem humanidade ou simplesmente um fragmento anatômico ou de personalidade. Isto explica porque o objeto é sempre descartável (um “palito de fósforo que se queima”, como costumava dizer um paciente meu) e também nos mostra a razão pela qual a promiscuidade faz parte quase necessária da vida sexual do perverso (2000). Em relação ao fragmento anatômico, Stoller (1975) parece referir-se ao que Freud chamava de *objeto parcial*: um órgão sexual ou qualquer outra parte do corpo do parceiro.

Poderíamos nos perguntar agora, caracterizada a necessidade que o perverso tem de montar sua cena sexual, como é que o prazer é aí introduzido. De acordo com Stoller (1975), ele se consuma por obra e graça da *fantasia*: é por meio desta que o trauma pode ser desfeito ou anulado. Na reconstrução modificada de sua história, que se processa na montagem da cena sexual, os devaneios (sonhos diurnos) têm o papel de contribuir para a consecução do prazer por meio de uma série de características que assumem a fim de “corrigir” o passado que é “rememorado inconscientemente”. Vejamos o que rege a formação de tais devaneios:

- O perigo de o trauma repetir-se é retirado;
- Elementos que estimulam o risco são neles incluídos, introduzindo uma excitação pela tensão;
- Um “final feliz” é garantido, provando ao sujeito que ele evitou o trauma, quando não que foi ele quem traumatizou os que originalmente o atacaram;

---

2. Joyce McDougall (1978), Janine Chasseguet-Smirgel (1984) e Masud Khan (1979) fazem, cada um à sua moda, formulações semelhantes a esta quando tratam do estatuto do objeto na perversão. Para Masud Khan, por exemplo, o objeto não chega a ser inteiramente o outro - diferente, separado e independente -, mas algo intermediário entre o próprio eu e o mundo externo, ou seja, aquilo que Winnicott denominou objeto transicional.

- Por fim, quando tais devaneios ligam-se à excitação sexual e ao orgasmo, instala-se um círculo vicioso que motiva o perverso a repetir seu ato indefinidamente.

O ápice do prazer, na perversão, coincide com o momento em que a parte central do trauma está sendo encenada no ato sexual. Este é um momento de grande suspense, pois é quando o máximo risco parece estar presente e, portanto, antecede o triunfo colossal que está por vir. Esse mesmo tipo de sensação ocorre em outras atividades que não as estritamente sexuais, como no caso dos triunfos contrafóbicos verificados na prática de esportes perigosos. O perverso, no entanto, mantém a noção de que seu triunfo acontece na fantasia e, neste sentido, ele difere do psicótico. Assim, a realidade do trauma não é efetivamente removida e, por isso, ele deve recomeçar tudo novamente. Daí o caráter compulsivo da prática perversa. O orgasmo é vivido como excepcional porque é revestido deste caráter de triunfo, isto é, da sensação de estar a salvo da situação traumática e do risco corrido.

Além da hostilidade, há outro componente que toma parte na montagem da cena perversa: trata-se do *mistério*, que remonta, em última instância, ao mistério que reveste a sexualidade, especialmente para uma criança. Afinal, se pensarmos sob o ponto de vista cultural, é inegável que existe uma mistificação social e cultural da anatomia, das funções e dos prazeres sexuais que aguça a curiosidade infantil e atira a criança ao afã de produzir fantasias e teorias sexuais, como demonstrou Freud (1908) no artigo “Sobre as teorias sexuais das crianças”.

Na perversão, o papel do mistério e do perigo é aumentado porque a criança foi traumatizada ou superestimulada explicitamente no exato ponto misterioso: os genitais ou o seu desejo de investigá-los. Se o trauma incide sobre outras partes do corpo ou sobre outras funções, então o seu resultado é uma neurose. Os indivíduos, nos quais a ansiedade de castração foi provocada de forma abrupta e intensa, são candidatas potenciais à perversão.

A abordagem que Stoller (1975) faz da perversão tem aspectos realmente originais, quando vistas dentro de um quadro comparativo dos principais ramos de desenvolvimento da psicanálise a partir de Freud. Stoller (1975) é um

freudiano à própria moda, que valoriza determinados pontos da teoria de Freud (como a do trauma) e contesta frontalmente outras noções muito caras ao fundador da psicanálise. A compreensão da perversão através do eixo da hostilidade é a marca maior de sua teoria e também seu aspecto mais original. Não que a ligação entre perversão e hostilidade seja necessariamente uma novidade em psicanálise, mas a extensão explicativa que isto toma em sua obra é que delinea o caráter original de sua contribuição.

Partindo do pressuposto de que é o ódio que sustenta a formação perversa, há que se colocar uma pergunta de profunda implicação epistemológica para a metapsicologia: *Como o ódio é erotizado?* Ou, de outra forma: Como a vida erótica é investida pelo ódio e pela angústia? Esta é uma pergunta que incide sobre a lógica do funcionamento psíquico. Trata-se de um tipo de problema que se coloca para a psicologia, sobre o qual a psicanálise teve de debruçar-se inúmeras vezes a fim de conferir uma consistência epistemológica a seus postulados. É o que Freud (1919) faz, por exemplo, no artigo *Uma criança é espancada* (1919), quando se põs a enfrentar o enigma do masoquismo, que desafiava uma lógica mais superficial – a da consciência – ao ligar o prazer à dor.

Para chegar a uma explicação suficiente sobre a ligação do ódio e da hostilidade com a formação perversa, é necessário passar, então, pela noção de *trauma*. O ódio não é um sentimento “dado” ou primário, que vem influenciar a vida psíquica e determinar o aparecimento de mecanismos defensivos. Não se trata, em absoluto, deste ódio quase metafísico, mas sim de um ódio reativo e *causado*, com raízes na experiência real.

A cena sexual perversa é, em essência, uma *fantasia atuada*. Cada uma de suas partes e cada um de seus detalhes guardam relações com a cena infantil traumática da qual o sujeito deseja livrar-se. Masud Khan (1979) afirma que o ato sexual perverso é um sonho que, não podendo ser sonhado, é colocado em ato. A fórmula matricial desta construção, evidentemente, é clássica: encontra-se em Freud, para quem o sintoma, como qualquer outra formação do inconsciente, reconta uma história e tem uma função defensiva.

Se Freud abandonou a teoria da sedução – do trauma sexual real – para justificar a gênese da neurose, dando ênfase ao papel da fantasia, Stoller (1975),

ao contrário, vai afirmar que, se fosse possível investigar toda a vida pregressa do paciente perverso, certamente localizaríamos o trauma, que incidiu sobre o sexo anatômico ou sobre a identidade de gênero. Freud pensou inicialmente em uma cena de sedução, da responsabilidade de um dos pais, na etiologia da histeria. Mais tarde, ele compreendeu esta “cena” como fantasia decorrente da chegada disruptiva da sexualidade biológica. A origem da neurose, entretanto, permanece atrelada a este momento, ainda que mítico. Mas o que Stoller (1975) postula, no caso da perversão, é diferente: haveria, aí, um trauma real, que poderia ser encarado como o próprio fator diferencial entre perversão e neurose.

A partir da realidade do trauma, quando o sexo anatômico ou a identidade de gênero foram atingidos, o sujeito vai organizar, defensivamente, uma vida sexual sintomática, cujo escopo é negar ilusoriamente o resultado do trauma infantil, anulando seus resultados e “recontando”, por meio da montagem de uma cena sexual perversa, a história da experiência traumática. Tal cena deve ter um “argumento”, à moda da cena teatral que, invariavelmente, é o de afirmar a vitória sobre o agressor e a reversão de papéis. Em uma palavra, o argumento deve ser o da *vingança*.

Assim, a vingança contida na cena perversa, além de ser em si mesma uma descarga do ódio – é uma espécie de tentativa de elaboração em que a passividade é trocada pela atividade, exatamente como se dá no modelo que Freud (1920) enuncia em *Além do princípio do prazer*. O triunfo na perversão obedece ao mesmo princípio que rege o aparecimento do brincar, ou seja, ao imperativo da elaboração de uma experiência traumática através da transformação da passividade em atividade. Mas ocorre que, na perversão, esta operação não pode ser contida nos limites do plano psíquico, necessitando de um objeto do mundo externo para ser atuada, isto é, encenada e transformada em um ritual (tal como o “sonho atuado” de Masud Khan).

Este objeto do mundo externo, que se utiliza, será alguém que, embora tenha uma personalidade, é desinvestido de tal qualidade e reduzido à coisa (objeto parcial). Stoller (1975) já vê, nesta operação, um indicador da atuação do ódio, manifesto na *desumanização* do objeto. Este ponto de vista guarda alguma semelhança com a ideia de Masud Khan (1979), de que o objeto do perverso é um *objeto transicional*, intermediário entre o eu e o objeto externo, alvo da destruição e, ao mesmo tempo, fruto de uma construção. Mas Stoller (1975)

parece ter uma visão mais pessimista, pois afirma a *coisificação* do objeto e a atuação da hostilidade sobre o mesmo, não fazendo menção aos aspectos “construtivos” supostamente contidos nesta modalidade perversa de relação objetal, como faz Masud Khan (1979).

Neste ponto talvez seja bom lembrar que a noção de *dissociação* em Stoller (1975), no caso da perversão, aplica-se particularmente ao objeto, ainda que seja, é certo, correlata à dissociação do ego. No caso do fetichismo ou da escolha de uma parte do corpo do parceiro como objeto sexual, a dissociação incidirá, sobretudo, entre a parte e a totalidade, sendo, evidentemente, correlata à negação da plenitude da alteridade. Assim, o “uso” que se faz do objeto só se torna possível em virtude desta dissociação.

De todo modo, o fato de a cena perversa ser encarada por Stoller (1975) como uma retrospectiva corrigida de uma cena traumática, não deixa de atestar o fundo freudiano que preside sua teorização sobre a gênese e o sentido do sintoma, pois o sintoma neurótico em Freud (1913) também obedecia à mesma lógica interna. Senão, lembremos da cena montada pela mulher obsessiva, que chamava a criada ao quarto nupcial após ter derramado tinta vermelha no lençol: assim procedendo, ela recontava a cena de fracasso do marido na noite de núpcias, de modo a mudar os resultados reais, isto é, de modo a provar que houvera, de fato, a defloração. Mas há uma diferença da maior importância entre o sintoma neurótico e o sintoma perverso: como já afirmava Freud, enquanto que o retorno do sexual recalcado na neurose provoca desprazer ao ego, na perversão a fantasia sexual consciente provoca prazer (e aqui reside o sentido do postulado freudiano da perversão como *negativo da neurose*).

Outra diferença entre as modalidades de sintoma, que merece a nossa atenção, é a necessidade de atuação (*acting-out*) que se verifica no sintoma perverso; ou, melhor dizendo, o sintoma é, ele próprio, uma atuação, visto que não se limita ao domínio do psíquico, mas envolve um outro em sua consecução. Assim, a perversão seria uma formação intermediária entre a neurose e psicose. O *acting-out* responde, no perverso, pelo conhecido efeito de “vampirização”, particularmente nos casos em que a perversão se encaminha para o campo da psicopatía e do abuso sexual, como no estupro e na pedofilia.

Enquanto a fantasia de descarga da hostilidade se exerce sobre objetos

que consentem a parceria, estaríamos no campo de uma perversão, por assim dizer, “não psicopática”. Já no caso dos abusadores e pedófilos cujo *acting-out* se dirige a objetos incapazes, por meio da violência ou do abuso de sua inocência, verificamos a passagem não elaborada de uma hostilidade sofrida passivamente a uma hostilidade infringida ativamente a outrem.

### *Perversion, hostility and sexual abuse*

**ABSTRACT:** *Whether based on the ideas of Robert Stoller, this article proposes that a component of structural perversion is the hostility against the object, actuated either directly or in a disguised way. The origin of this hostility dates back to the early object relations, when the future perverse felt up blocked from separate is your mother and realized that this arose out of an “invitatioin” by the same. The object of sexual perverse is then a kind of victim, which rests on the revenge hostility and imaginatively to her mother.*

**KEYWORDS:** *Perversion; Hostility; Sexual abuse.*

### REFERÊNCIAS

- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *Éthique et esthétique de la perversion*. Paris: Champ Vallon, 1984.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Vol. 7.
- (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. Vol. 9.
- (1913). A disposição à neurose obsessiva. Vol. 12.
- (1919). Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Vol. 17.
- (1920). *Além do princípio do prazer*. Vol.18.
- KHAN, M .M. R. *Alienation in perversions*. Londres: The Hogarth Press, 1979.
- McDOUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade: Teoria e clínica psicanalítica*.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

STOLLER, R.J. *Perversion: The erotic form of hatred*. Londres: Karnac Books, 1986.

**Flavio Carvalho Ferraz**

Rua João Moura, 647 conj. 121

Tel. (11) 3088-9606